

TRABALHO: ALIENADOR OU TERAPÊUTICO?

ANA PAULA FERREIRA RODRIGUES DE SOUZA*

RESUMO: Esse trabalho passou a possuir um aspecto que alienador, partindo de uma significação onde algo alienado é algo pertencente ao outro; o trabalho e seu produto passam a não pertencer ao produtor. Exemplificando vemos que ao se adquirir um bem "alienado" significa que o homem pode até usufruir o bem, mas a "posse" é do outro, até que se pague por completo a dívida referente ao bem. Farei uso nessa reflexão de aspectos sociais, sobre o trabalho, em Codo e principalmente aspectos psicológicos em Freud.

PALAVRAS – CHAVE: Aspectos sociais, Aspectos psicológicos, Trabalho, Referente.

ABSTRACT: This work started to owning an aspect that , starting from a signification where something alienated is something belonging to another; and their work product shall not belong to the producer. For example we see that when you purchase well "alienated" means that man can even enjoy the well, but the "ownership" is another, until they pay the debt for the well. I will use this reflection of social aspects, on labour, especially in Codo and psychological aspects in Freud.

KEYWORD: Social aspects, psychological aspects, Work.

"(...) Vimos que o homem se divorcia de si mesmo pela alienação e, o que não deixa de ser irônico, a trilha que condor o homem a perder-se é a mesma que o constrói o trabalho: chegamos no inferno pelo paraíso do trabalho e também atingimos o paraíso pelo inferno do trabalho." (CODO, Wanderley. O que é alienação).

O homem enquanto ser natural e ao mesmo tempo modificaste e modificador dessa natureza, e para tal pode valer-se de sua produção - seu trabalho. Entretanto vemos o homem a produzir mais do que usufrui do produto gerado por sua energia desprendida. Esse trabalho passou a possuir

um aspecto que alienador, partindo de uma significação onde algo alienado é algo pertencente ao outro; o trabalho e seu produto passam a não pertencer ao produtor.

Exemplificando vemos que ao se adquirir um bem "alienado" significa que o homem pode até usufruir o bem, mas a "posse" é do outro, até que se pague por completo a dívida referente ao bem. Então, estando o homem a perceber seu produto em mãos de outros não o estaria também percebendo como "alienado? Que preço necessitaria ser pago por essa alienação? O que mais se busca alienar no homem? São inúmeras questões a serem refletidas. E é claro que se existe um alienado, existe seu alienador, o próprio homem exerce os dois papéis.

Nesse texto buscarei o início de uma reflexão sobre o convívio social desse homem com o trabalho alienado diante de seu alienador, bem como a possibilidade desse trabalho ser desencadeador de conflitos psicossociais ou uma forma de auxiliar na resolução ou amenização dos mesmos". É bem provável que se chegue a uma definição onde se encontre no trabalho estas duas características. Poderão surgir então novos rumos para descobertas de utilizações "benéficas" da força de trabalho, tanto para quem a desprende quanto para quem dela usufrui. Tentar-se-ia então buscar caminhos para a diminuição do surgimento de novos conflitos, ao mesmo tempo que se buscaria alternativas para resolução dos já "instalados".

Farei uso nessa reflexão de aspectos sociais, sobre o trabalho, em Codo e principalmente aspectos psicológicos em Freud.

Codo, professor pela UNESP do Departamento de Psicologia, mostra em suas duas obras aqui citadas o desenrolar dos passos percorridos pelo trabalho, na história do homem; abordando inclusive desde seu valor de permuta até ao valor de "mercadoria" conferido pelo sistema capitalista.

Sigmund Freud, pai da Psicanálise, dentro de suas observações da psique humana mostra o um homem na busca do prazer, é o denominado princípio do prazer. Vem também mostrar esse homem às voltas com seus impulsos instintuais (ID), suas normas externas (Superego) e um intermediário a serviço de uma satisfação em meio termo (EGO). Nota-se que me valia de significações para cada uma dessas três

instâncias que facilite ao leitor, leigo aos termos psicológicos, acompanhar o desenrolar dessa reflexão, no entanto existem complexos fatores interdependentes e intercomunicantes nessas instâncias.

Dentro da Psicologia vemos que Wanderley Codo, ao buscar que tipo de comportamento a Psicologia estaria a estudar se utilizou de várias reflexões e encontrou a importância do trabalho para o homem em seu processo de hominização, quando escreve:

(...) As relações de trabalho determinam o seu comportamento, suas expectativas, seus projetos para o futuro, sua linguagem, seu afeto. ¹³

Vemos então o trabalho presente em várias esferas em todas as esferas da vida humana, direta ou indiretamente, e com papel determinante em muitos aspectos. É inclusive, o trabalho, um dos meios pelo qual o homem vai interagir com a sociedade.

Logo, temos diversidade de comportamentos, de linguagens, de afetos, etc., tantos quantos forem os ambientes de trabalho. Vemos o homem se hominizando ao agir e transformar a natureza com o seu trabalho, tanto quanto vemos esse trabalho agir sobre a sua vida.

Podemos ver um grupo de pessoas se formarem pela união em volta de um determinado comportamento, trabalho, linguagem, enfim, aquilo que particulariza o homem, passa a generalizá-lo também. O trabalho que impulsiona um homem a se diferenciar pela linguagem que utiliza atitudes que executa, sentimentos que demonstra, generaliza-o ao juntar-se com muitos outros que exercem o mesmo trabalho. Assim caminha a civilização.

Tornemos, no entanto, o conceito de Freud para civilização em seu artigo "Futuro de uma ilusão" aonde civilização humana vem "... significar tudo aquilo em que a vida humana se elevou acima de sua condição animal e difere da vida dos animais..." ¹⁴

Essa condição animal nos remete a questão citada anteriormente a respeito da instância psíquica denominada ID, como referente aos componentes instintuais do ser humano, conflitantes

muitas das vezes com o processo de hominização desse ser. Devemos observar ainda que Freud não distinguiu cultura e civilização. Ele mostra sua convicção em ser a civilização construída pela cultura, civilização esta, que apresenta dois aspectos a quem a observa: um deles inclui o conhecimento e a capacidade adquiridos pelo homem para controlar as forças da natureza e extrair dela as riquezas; e outro aspecto, refere-se aos requisitos necessários ao ajuste das relações interpessoais e principalmente a distribuição das riquezas disponíveis. Vemos então nada mais atual que esta observação de Freud, ainda mais ao demonstrar que o próprio homem pode: *"... funcionar como riqueza em relação a outro homem, na medida em que a outra pessoa faz uso de sua capacidade de trabalho..."*¹⁵

Fato enfrentado na maioria dos sistemas de trabalho, onde a mão-de-obra da maioria é explorada por urna minoria que lidera. Na visão de Freud, é através dos que compõe essa minoria, aos qual a massa reconhece como líderes, e segue-lhes os exemplos, que ela (massa) induzida *"... a efetuar o trabalho e a suportar as renúncias de que a existência depende"*¹⁶.

Essas renúncias dizem respeito à obtenção da satisfação dos desejos rente às exigências externas; culturais, morais, éticas etc... Até mesmo as relações de trabalho muitas das vezes são "forças opostas" à satisfação desses desejos em norte da existência da espécie.

Há então uma utilização em toda civilização da compulsividade ao trabalho, como mecanismo de renúncia ao instinto, onde urna maioria torna possível a existência de urna cultura com seu trabalho sem, no entanto usufruir da riqueza gerada por ele. Freud vem ainda relatar que:

"... de modo sucinto, existem duas características humanas muito difundidas, responsáveis pelo fato de os regulamentos da civilização só poderem ser mantidos através de certo grau de coerção, a saber, que os homens não são espontaneamente amantes do trabalho e que os argumentos não têm valia alguma contra suas paixões."

Pode parecer-nos tini tanto "pesado" quando Freud diz não ser o homem espontaneamente amante do trabalho, mas podemos entendê-lo, se levarmos em conta o fato de o trabalho possuir aspectos renunciantes ao prazer imediato. Vale, no entanto, ressaltar que o trabalho pode ser buscado como forma de sublimação a esses componentes instintuais. É um aliado ao que

chamarei aqui de prazer substitutivo. Em síntese, encontramos nesse momento, dois aspectos no trabalho: o que renuncia as paixões através de argumentos coercivos e outro que se aliam a elas, paixões, na busca de uma satisfação mesmo que não seja imediata.

Somada a essa luta para a superação dos instintos, nota-se também a necessidade de se buscar uma libertação de forças coercivas impostas pela minoria, onde mais uma vez Freud expõe que, concretizado então o reordenamento das relações humanas e "... *imperturbados pela discórdia interna, os homens pudessem dedicar-se à aquisição da riqueza e a sua fruição.*"¹⁸

Alguns argumentos coercivos, mesmo internalizados, causam ao homem perturbações internas, ele passa a desprender grande parte de seu tempo nesse conflito entre os instintos e os regulamentos trazidos por essa minoria dominadora. Esse tempo poderia então, ao fim do conflito, ser utilizado na busca do usufruir o fruto de seu trabalho, bem como os prazeres em sua execução. Tiremos por exemplo um homem extrovertido empregado em unia loja de departamentos, no setor do depósito, ficaria ele a mercê do "silêncio" das mercadorias; enquanto seu companheiro, um homem extremamente tímido, introvertido, foi deixado na "linha de fogo" em um balcão de informações dessa mesma empresa. Por quais conflitos e insatisfações não estarão, ou melhor, estarão passando esses homens que por uma questão de "ordenamento" tomaram postos em lugares, digamos, opostos?

Codo, no entanto observa que: "(...) *Se o sistema gera alienação, não precisamos ter necessariamente operários alienados, porque juntamente com alienação o sistema gera revolta.*"¹⁹

Parece claro, também a meu ver, que toda essa opressão acabará por despertar em algum momento, na massa, sentimentos hostis em relação à cultura (entende-se aqui civilização que por sua vez é decorrente da cultura) que existe com base em seu trabalho, porém da qual não usufrui a riqueza.

O que preocupa é o fato de como será o desenrolar dessa

hostilidade; qual meio se buscará para a "luta"; já que foi observado anteriormente que essa internalização faz com que se perca um pouco da noção do que é próprio e do que é do outro, do externo. Se algo foi tão profundamente internalizado pode indicar que em algum momento não houve senso crítico o suficiente para uma reflexão.

Freud expõe que: "*... as classes oprimidas podem estar emocionalmente ligadas a seus senhores; apesar de sua hostilidade para com eles, podem ver neles os seus ideais.*"²⁰ E demonstra isso claramente num exemplo onde relata que:

"(...) Não há dúvida de que alguém pode ter sido um plebeu infeliz, atormentado por dívidas e pelo serviço militar, mas, em compensação, não deixava de ser um cidadão romano, com sua própria quota na tarefa de governar outras nações e ditar suas leis."

é como se dentro dessa alienação, aspectos, ainda que ilusórios e/ou passageiros, fossem mostrados de forma gratificante à manutenção da alienação. Essa "mascaração" certamente está presente nas demais relações do homem, não só em sua relação com o trabalho, aumentando assim, a extensão do conflito intrapsíquico.

Disso pode-se refletir que a minoria opressora utiliza argumentação que possa "esconder" atrás de si as inúmeras descompensações do restante do discurso.

Resta, portanto à maioria oprimida a busca de uma reflexão sobre a importância de sua força de trabalho, como se organizar para transformar todos os recursos disponíveis em riquezas que estejam ao alcance não só da minoria que domina e sim aos que principalmente as produzem.

É buscar os aspectos terapêuticos do trabalho, aliá-los a outros aspectos gratificantes da vida humana. É abrir mão de um sistema conflitante, alienador da mão de obra humana. Pode, com tudo, parecer ao leitor uma questão utópica, porém, a busca do prazer é algo real no homem, e isso não exclui sua relação com o trabalho. E, se ao fim, se chegar à conclusão que é utopia, pode-se acordar desse sonho e perceber que apenas se sonhou, ou, pode-se também gastar a vida para fazer dele uma realidade.

¹³ CODO, Wanderley. *Psicologia Social: o homem em movimento*. Silvia T. M. Lane. Wanderley Codo (orgs.) — 13 ed. — São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 139

¹⁴ FREUD, Sigmund. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996 Vol. XXI, p. 15.

¹⁵ FREUD, Sigmund. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996 Vol. XXI, p. 16.

¹⁶ FREUD, Sigmund. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996 Vol. XXI, p. 17

¹⁷ Idem, p.18

¹⁸ Idem p.17

¹⁹ CODO, Wanderley. *Psicologia Social: o homem em movimento*. Silvia T. M. Lane. Wanderley Codo (orgs.) - 13 ed. - São Paulo: Brasiliense. 1994. p. 142

²⁰ FREUD, Sigmund. *Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. Rio de Janeiro: Imago. 1996 Vol. XXI, p. 23.

²¹ Idem, ibidem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CODO, Wanderley. *Psicologia social: o homem em movimento*. Silvia T. M. Lane. Wanderley Codo (orgs.) — 13 ed. — São Paulo: Brasiliense. 1994.

CODO, Wanderley. *O que é alienação*. São Paulo: Brasiliense. 1986.

FREUD, Sigmund. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XXI.

*Ana Paula Ferreira Rodrigues de Souza. Acadêmica do 10^o. Período de Psicologia UNIR.